



Carissimi amici, padrini e madrine,

Queridos amigos, padrinhos e madrinhas, ao aproximar-nos o dia da Ressurreição de Cristo, sinto o desejo de partilhar convosco não só as histórias das crianças que acolhemos, mas também as dos adultos que, tendo chegado a "São Miguel Arcanjo" sem expectativas particulares, viveram experiências capazes de mudar as suas vidas...

Marzia

Eu já trabalhava na "São Miguel Arcanjo" há algum tempo quando uma criança começou a sentar ao meu lado todos os dias na hora do almoço. Com o tempo fui conhecendo sua história, suas dificuldades e suas dores. Ele tinha oito anos e não sabia ler nem escrever. Após várias consultas especializadas, o diagnóstico ficou claro: dislexia. Meu marido e eu, apesar de termos recursos limitados, decidimos oferecer-lhe ajuda concreta, pagando uma professora de apoio e um neuropsiquiatra infantil. O progresso foi lento, mas depois de dois anos ele conseguiu formar as primeiras palavras. Um dia a professora pediu que ele escrevesse algumas frases, mas ele, com medo, respondeu: "Não estou com vontade, mas posso contar para você, e você escreve para mim?". Então a professora, com papel e caneta, começou a escrever suas palavras. A criança disse que se sentia um idiota, mas que nunca deixou de tentar melhorar porque em sua vida conheceu uma pessoa que acreditava nele e não queria decepcioná-la. Essa pessoa era eu. Naquele dia entendi que não só eu havia mudado a vida dele... mas ele também havia mudado a minha.

Claudia

Passei quase vinte anos trabalhando aqui e vi muitas histórias, mas uma ficou no meu coração. Estou falando de Julia, uma menina que chegou a "São Miguel Arcanjo" junto com seus irmãos. Naquela época ainda não havia casa para as meninas, então todos os dias ela sempre voltava para casa com fome e com a roupa rasgada. Um dia resolvi acompanhá-la. Ao cruzar a soleira, tive a sensação de entrar em um filme de terror: um barraco com telhado de plástico, sem água, luz, comida... só lixo por todo lado. Eu não sabia o que fazer para ajudá-la. Então, num impulso, levei-a ao cabeleireiro, comprei-lhe roupas novas, tentei fazê-la sentir-se bonita. Não foi muito, mas foi alguma coisa. Ao longo dos anos continuamos a partilhar momentos em "São Miguel Arcanjo" e eu a ajudei no mínimo que pude. Anos depois, Júlia, agora adolescente, passava os dias ajudando idosos em nossa casa de repouso. Um dia, durante uma conversa com algumas senhoras que falavam da alegria de fazer o cabelo e as unhas, Júlia interveio dizendo: "Sei bem o que vocês sentem. Quando eu era criança, uma senhora chamada Cláudia fez o mesmo por mim. Naquele dia me senti uma princesa. Nunca me esqueci disso."

Wallace

Vim de uma formação no mundo militar, feita de rigor e frieza. Chegar em "São Miguel Arcanjo" foi uma experiência difícil: abraços, carinho, sorrisos... Eu, tão tímida, não sabia como reagir. Conheci Camilla, uma garotinha que passou a estar sempre ao meu lado em todas as atividades. Dia após dia, me deixei levar e descobri uma parte de mim que não conhecia. Um dia, com sua doçura desarmante, ele olhou para mim e disse: "Wallace, eu queria que você fosse meu pai. Você quer ser meu pai?". Entendi, naquele momento, que o pouco que eu dava a ela todos os dias era na verdade tudo o que ela precisava. Ainda hoje, quando ele me diz que sou a pessoa mais importante da vida dele, mal consigo acreditar e fico profundamente emocionada.

Essas histórias nos lembram que o amor se manifesta nos pequenos gestos, nos laços que se criam, nas vidas que se entrelaçam. Às vezes pensamos que somos nós que ajudamos, mas na realidade são eles que nos mudam... para melhor!

Marco Roberto Bertoli



*Con affetto e gratitudine,
obrigado!*